

issak
babel

karl

lankel

ISAAC BABEL - NASCEU EM 1884.

SEUS PRIMEIROS CONTOS FORAM PUBLI-
CADOS EM 1916, DURANTE A GUERRA CI-
VIL SERVIU COMO COMISSARIO DA CAVA-
LARIA, A PARTIR DE 1923, DEDICOU-SE
A LITERATURA, SUAS OBRAS PRINCIPAIS
SAO "KORNAMIA", RELATOS DE ODESSA,
"ZAKAT", "MARIA", EM 1938 FOI ACUSA-
DO DE TROTSKISTA E TOMBOU VITIMA
DO TERROR STALINISTA EM 1941.

SUA OBRA LITERARIA PEQUENA EM QUAN-
TIDADE, INCLUI CONTOS E PEÇAS SOBRE
DOIS TEMAS, A GUERRA CIVIL E JUDEUS
ASSIMILADOS DE ODESSA.

tema de ficção

Jonas Brutman tinha uma ferraria em Pership, quando eu era criança. Nela marcavam encontro marcadores de cavalos, carreteiros e magarotes do mercado municipal. A ferraria ficava situada nas cercanias da estação de Balta. Usada como posto de observação, era fácil interceptar dali os camponeses que transportavam sua uva e o vinho da Bessarabia para a cidade. Jonas era um homenzinho que se assustava facilmente, mas com um bom paladar para o vinho. Aninhava-se nele a alma dos judeus de Odessa.

Em meus tempos, abrigava em sua casa três filhos. O pai chegava-lhes à cintura. Foi na praça de Pership que pude avaliar pela primeira vez a potência das forças que moram secretamente na natureza, três mocetões bem alimentados, de ombros largos avermelhados e pés com enxadas. Os rapazes costumavam levar seu esquelético e minúsculo pai até a água, nos braços como se fôsse uma criança. No entanto, fora ele quem os engendrara. Não havia nenhuma dúvida a respeito. A mulher do ferreiro ia, à sinagoga duas vezes por semana, na sexta-feira à noite e no sábado de manhã. A sinagoga pertencia à denominação hassídica e durante a Páscoa costumava-se dançar ali, como se fôsem dorviches. A mulher de Jonas costumava dar seu tributo aos emissários enviados às províncias do sul pelos homens pios da Galícia. O ferreiro não interferia nas relações de sua mulher com Deus. Ao terminar seu trabalho, encaminhava-se habitualmente a uma botega próxima ao mercado, para servir o barato vinho rosado. Enquanto escutava mansamente o que se dizia a respeito da política e dos negócios de gado gordo.

Pela força e estatura, os filhos eram à mulher. Dois deles deixaram a casa para ir juntar-se aos guerrilheiros. O mais velho foi morto em Voznesenk. O segundo, Simon, dirigiu-se a Pribakov e juntou-se aos cossacos vermelhos. Foi escolhido chefe de um regime cossaco. Eles e alguns jovens aldeões mais, deram origem a essa inesperada progênie de judeus, rudes combatentes e guerrilheiros.

O terceiro filho herdou a vocação de ferreiro. Trabalhava na fábrica de arados Gon, na cidade velha. Não tinha se casa nem tinha filhos. As possibilidades de paternidade de Simon haviam sido frustradas com sua partida de lar. A velha queria um neto a quem pudesse contar as histórias a respeito de Baal Shen e confiava que sua filha mais moça, Polina, lhe desse um. De toda a família, era ela a única parecida com o velhinho Jonas. Assustava-se facilmente, era miúdo, de pele delicada, e com uma porção de pretendentes. Polina escolheu - e jamais saberemos porque - Ovsey Belotserkovsky. O mais assombroso é que os jovens foram felizes em seu casamento. O cuidado da casa é coisa da mulher; os de fora não sabem quem quebra a louça. Neste caso, quem quebrava a louça era Ovsey Belosertkovsky. Ao fim de um ano de casamento, este processou a sogra, Brana Brutman.

Aproveitando-se de que Ovsey havia se ausentado numa missão oficial e que Polina tivera que internar-se por causa de uma mastite, a velha apoderou-se do neto recém nascido e levou-o a Naftula Guorchik, um pequeno cirurgião e na presença de dois velhos pobres e assíduos frequentadores da sinagoga chassídica, fez praticar a circuncisão na pequena criatura.

Ovsy Belotserkovsky interveio-se de tudo isso no seu regresso. Seu nome tinha sido eliminado como candidato a ingressar no partido e resolveu falar a respeito com Bychach, que era o secretário da organização, no Escritório de Importação e Exportação.

- Você está moralmente desprestigiado - disse Bychach. Não pode deixar que as coisas fiquem assim.

A promotória de Odessa dispôs-se a realizar um processo público na fábrica de Petrovsky. O pequeno circunscisor Naftula e a velha Brana, de sessenta e dois anos, encontraram-se no banco dos réus.

Naftula fazia parte da cidade de Odessa, como a estátua do duque de Richelieu. Frequentemente o viamos passar diante de nossas janelas de Dalnitskaya, levando sua sebenta e gasta maleta de pa na qual guardava seus simples instrumentos. Costumava tirar dela uma faquinha, uma garrafa de vodka, e um pedaço de pão de gengibre. Depois de beber, o que fazia após beliscar o pão de gengibre, punha-se a rezar em tom lamuriento. Apar ia um tanto tocado, com olhos brilhantes e divertidas, ao dirigir-se aos convidados. Cabeça vermelha, como a do primeiro ruivo da terra, entoava em voz nasal a bênção do vinho. Com uma mão, derramava o vodka na cova hirsuta e curva de sua boca de hálito ardente; com a outra, segurava um pires. Neste repousava a faquinha enrubescida de sangue infantil, e um pedaço de gaze. Naftula recolhia seus honorários dessa maneira, apresentando o pires aos convidados, chocarreando com as mulheres, dando voltas em torno, rondando-lhes a busta e lançando exclamações que podiam ser ouvidas em toda a rua.

- Ei, vocês, ricas "manes" - urrava o velho, enquanto brilhavam seus olhos coralinos - façam pequenotes para Naftula, debulhem o trigo sobre vossos ventres, sejam boas com Naftula. Façam pequeninos, oh "manes" opulentas!

Os maridos costumavam lançar moedas em pires. Os pátios de Glukaia e as ruas do hospital não conheciam falta de crianças; estas eram ali tão abundantes como as ovas dos peixes nas desembocaduras dos rios. Naftula ia de um lado para outro com sua maleta, mas o inspetor Orlov pôs fim a suas andanças.

O inspetor horrou do estrado, esforçando-se por demonstrar que o pequeno cirurgião servia a um culto.

- Acredita em Deus? - perguntou a Naftula.

- Que acredite em Deus quem tenha ganho duzentos mil - retrucou o velho.

- Não se admirou que a cidadã Brutman fôsse procurá-lo a hora avançada, na chuva, e com um recém-nascido nos braços?

- Surpreendo-me - respondeu Naftula - quando um ser humano faz alguma coisa de maneira desumana, mas não quando faz algo simplesmente tolo.

As respostas não satisfizeram o inspetor. Surgiu a questão do pequeno recipiente. O inspetor procurou provar que o acusado expunha as crianças ao risco de uma infecção. A cebaga de Naftula, a pequena e grumosa noz que era a sua cabeça, pendia ali, nas proximidades do solo. Suspirava, fechava os olhos e esfregava a boea cavernosa com o minúsculo punhe.

- Que é que está resmungando, cidadão Guerchik? - indagou o presidente do tribunal.

Naftula fixou seu olhar apagado no inspetor Orlov.

- O falecido Monseur Zusman - disse com um suspiro - seu defunto papai, tinha sobre os ombros uma cabeça difícil de encontrar em qualquer parte do mundo.

E... sofreu... agora você se tornou um grande homem na terra sovietica, e Naftala não guardou ali daquele pedacinho de nada, coisa alguma que pudesse ter-lhe sido útil mais tarde.

Piscou seus olhos de urso, sacudiu a pequena e rubra noz e calou. Um enorme estrondo alegre, e salvas de risadas foram a resposta. Orlov, Zussar de nascimento, agitava os braços e gritava algo que gargalhadas não deixavam ouvir.

A sala acalhou-se quando chamaram Belotserkovsky como testemunha. Este repetiu seu depoimento escrito. Era um indivíduo magricela usando culotes e botas de cavalaria. Segundo Ovsey, os comitês de distrito do partido em Tiraspol e Balta haviam-lhe prestado perfeita colaboração na tarefa de recolher partidas de bagaço. Estando em pleno labor, havia recebido um telegrama anunciando-lhe o nascimento de um filho. Depois de consultar o secretário do comitê de Balta, tinha resolvido limitar-se a mandar um telegrama de felicitações, a fim de não interromper o trabalho, e só regressou a sua casa duas semanas depois. Não havia achado ninguém em seu apartamento, exceto a vizinha Karchenko. Sua mulher havia sido levada para o hospital e a testemunha Karchenko entoava uma canção de ninar, enquanto embalava o bebê. O menino tinha tido hábito fora da moda. Como sabia que a testemunha era dada à bebida, não julgou necessário prestar atenção à letra da cantilena, mas surpreendeu-se ao verificar que chamava o pequeno pelo nome de Iankel, quando êle havia recebido instruções para que o chamassen Karl, em honra ao mestre Karl Marx. Ao tirar as fraldas do pequeno, tinha se defrontado com a evidência da sua desgraça.

O inspetor declarou ter várias perguntas a formular. A defesa não. O metrinho do tribunal introduziu na sala a testemunha Polina Belotserkovsk. Esta encaminhou-se vacilante até o banco. O azulado espasmo da metridade ridente contorcera-lhe o rosto, e gotas de suor perlavam-lhe a fronte. Lançou um olhar ao pequeno ferreiro, de gravata e um par de botas novas, como que para um dia de festa, e ao rosto bronzeado e com uma penugem cinzenta de sua mãe. A testemunha não respondeu quando lhe perguntaram o que sabia sobre o assunto em questão. Disse que seu pai tinha sido pobre, que havia trabalhado quarenta anos na bigorna ao lado da via férrea de Balta. A não havia dado à luz seis filhos três estavam mortos, um era comandante do Exército Vermelho, outro trabalhava na fábrica Gen.

-Minha mãe é muito devota, como todos podem ver. Sempre sofreu sabendo que seus filhos não são religiosos, e não podia suportar a idéia de que seus netos não crescessem como judeus. O senhor deve levar em conta a espécie de família em que minha mãe se criou. Todos conhecem o lugarejo de Bedzhiboz. Ali as mulheres ainda usam peruca...

- Que a testemunha nos diga - interrompeu uma voz cortante que pertencia ao antigo advogado Samuel Lining.

Se existisse em nossos dias o Sanhedrin, Lining seria seu chefe. Mas não havia nenhum Sanhedrin e Lining, que aprendera o russo aos vinte e cinco anos, havia começado a escrever na quarta década de vida apelações ao Senado que em nada se diferenciavam dos tratados talmúdicos.

O homem havia dormido todo o tempo. Tinha casaco coberto de cinzas de tabaco. Acordou à vista de Polina Belotserkovsky.

-Que a testemunha nos diga - entrechicaram-se, os dentes escuros como os de um peixe, sempre a ponto de tombar - sabia que seu marido estava resolvido a chamar a criança de Karl?

- Sabia.
- Que nome lhe deu sua mãe?
- Iankel.

Polina passou a mão sobre a testa. Seu marido estava sentado na ponta de um banco, afastado de outras testemunhas. Mantinha-se rígido como se o tivessem empalado, as longas pernas com as botas da cavalaria encolhidas. O sol batia-lhe no rosto coberto de rugas cruzadas e partículas fiáveis.

Nesse momento ouviram-se os gritos de uma criança que soluçava e gemia na sala do lado.

- Em que está pensando, Polina? - exclamou a velha com voz azêda. - O pequeno não come desde manhã, o pobrezinho está se esgançando de fome.

Os honens do Exército Vermelho acordaram do golpe e assestaram seus fuzis. Polina começou a arriar-se em seu assento, a cabeça pendida para trás, até ficar estendida no chão. Levantou os braços, sacudiu-os no ar e tombou.

- A sessão está suspensa - gritou o presidente.

Um clamor explodiu no tribunal. Belotsekovsky deu alguns passos em direção à mulher com o corpo e os braços estendidos em sua direção. Suas faces encovadas e pálidas luziam.

Dê de comer à criança! - gritaram alguns nas fileiras de trás, fazendo negafone com as mãos.

Ela já vai! - replicou uma voz feminina à distancia. Não precisa de sua ajuda!

- A pequena está implicada, lembre-se do que estou dizendo, - observou um operário sentado perto de mim - sabe mais do que diz.

- Vida de família, irmão - declarou seu vizinho. - Casos noturnos, casos obscuros. De noite se fazem os nós que não podem ser desatados de dia.

Na sala havia um retrato de Lenine, aquele em que aparece discursando de cima de um carro blindado, na praça da estação Filandia. Cercavam o quadro, bandeiras e fuzis dentro de vitrinas de madeira. Uma operária, que parecia ser kirguessa, com a cabeça inclinada, estava alimentando Karl Iankel. Este era um rechonchudo garoto de cinco meses. Usava botinhas de triocô e um gorrinho branco, com borlas.

A batalha travava-se agora entre o inspetor e os peritos que haviam insistido em chegar a uma conclusão evasiva. O queixoso, meio erguido no seu assento, golpeava a mesa com o punho. Pude ver igualmente as primeiras filas do público: piedosos judeus galicianos, com os bonês de castor sobre os jeelhos. Tinham feito a aviagem para estar presentes ali, onde segundo afirmavam os jornais de Varsóvia, estava sendo julgada a religião judaica. Os rostos imóveis dos rabinos sentados na frente destacavam-se na poeirenta luminosidade solar.

Abaixo com eles! gritou um jovem comunista que havia aberto caminho até o estrado.

A batalha assumiu tonalidades mais encarniçadas.

Karl Iankel, os olhos fixos em mim, continuava mamando no peito da mulher kirguessa.

Da janela se escapavam as retas ruas que eu pisara na minha infancia e juventude: a rua Pushkin, estendendo-se até a estação; a ruazinha Arnautskaya, torcendo-se até o parque, junto ao mar.

Eu tinha crescido nessas ruas, e agora era a vez de Karl Iankel. Mas por mim não haviam lutado como faziam agora por ele: poucos foram os que se preocuparam, alguma vez por mim.

- Não é possível - susurrei intinamente - não é possível que você não seja feliz, Karl Iankel. Não é possível que não seja mais feliz do que eu.